



## **Identidade e Representação da Cidade Imperial na Tribuna de Petrópolis<sup>1</sup>**

Verônica Soares da Costa<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

### **RESUMO:**

Fundada em 1902, a Tribuna de Petrópolis circula há mais de um século na cidade serrana do interior do Estado do Rio de Janeiro. Sua permanência reflete o esforço de seus diretores pela superação de crises financeiras e também pela manutenção de um poder simbólico de identidades sobre a cidade. Na década de 1940, o jornal passa ao comando de herdeiros da Família Imperial, construindo para si uma nova relação de identificação e representação com a cidade de Petrópolis, que reforça a vocação Imperial da cidade. Nesse contexto, discute-se a (re)construção de uma identidade na cidade a partir do posicionamento do jornal e das narrativas que constrói para os moradores, a fim de que se consolide como o jornal dos petropolitanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo local; representação; identidade.

### **Introdução:**

Peter Fritzsche (1998), em seu livro *Reading Berlin 1900*, propõe um estudo que relacione os conceitos de cidade como lugar geográfico e como narrativa textual, no qual as duas representações definem-se mutuamente e estão em constante dinâmica. Para seu trabalho sobre Berlim, o autor explora os jornais diários da cidade na virada do século XIX para o XX e descobre nas páginas dos periódicos os caminhos percorridos pelos berlinenses para se encontrarem **na** cidade ao mesmo em que formatam **a** cidade.

O argumento de Fritzsche considera que os atos de ler e escrever na e sobre a cidade tornam-se um convite à movimentação popular pela cidade, e passam a modificar a dinâmica do espaço urbano. Os jornais permitiriam aos cidadãos conhecer possibilidades de utilização do espaço e modificar as estruturas sociais e políticas.

O presente trabalho apresenta a Tribuna de Petrópolis a partir de sua relação com a cidade de Petrópolis. Diferentemente dos berlinenses, os petropolitanos, moradores da cidade serrana, encontravam nas páginas do jornal narrativas sobre a Petrópolis construída sobre a aura Imperial, a cidade de D. Pedro II. Entende-se que a fundação da cidade já vinha atrelada a certa identidade e a um “modo de usar” pré-definidos, uma vez que sua construção respondia aos anseios e à imaginação do jovem Imperador.

Entretanto, as representações da imprensa sobre Petrópolis nunca foram um fato dado, mas um argumento simbólico construído, que remonta a um período responsável pela formatação da identidade Imperial da cidade. Assim como Peter Fritzsche observou

<sup>1</sup> Trabalho submetido à Divisão Temática Jornalismo do Intercom Sudeste 2012, GT História do Jornalismo.

<sup>2</sup> Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto



que, na Berlim de 1900, os textos eram importante instrumento para compreensão da cidade, a leitura da Tribuna de Petrópolis nos inspira o conhecimento da Cidade Imperial ao longo do século XX. Periódico de circulação local fundado em 1902, a Tribuna faz parte de um grupo cada vez mais raro no jornalismo brasileiro e internacional, o de jornais impressos que sobrevivem às evoluções tecnológicas e às crises do mercado de comunicação por períodos que superam um século.

Os motivos que teriam levado esse jornal local a completar mais de 100 anos foram investigados por meio da leitura da trajetória da Tribuna, que permitiu a percepção das variações de relações identitárias estabelecidas entre o jornal e a cidade. Fritzsche defende que textos sobre cidades têm potencial para sugerir ou subverter percepções, de forma que o jogo de poder se torna objetivo final dos discursos narrativos: *“texts in the city were at once orderly and disruptive, they reframed and juxtaposed and reiterated and left unsaid, they led as well as misled, and worked for and against concretions of power”*<sup>3</sup> (FRITZSCHE, 1998:3). Esse poder se justifica nas dinâmicas percebidas na cidade **que se é** e na cidade **que se vê** (ou **que se lê**).

Em Petrópolis, a cidade das narrativas jornalísticas faz parte da cidade real, na qual se convive com a herança do Império. O período da história de Petrópolis que antecede a fundação da Tribuna é profundamente marcado pela presença constante e pela forte relação emotiva da Família Imperial. Esse traço afetivo é fator indispensável para a compreensão da trajetória da cidade e do jornal, e também se estabelece como um eixo central da atual relação dos herdeiros da família Imperial com o jornal e a cidade.

Ao longo de sua história centenária, percebem-se na Tribuna de Petrópolis inúmeros usos da imprensa, seja como instrumento político, como centralizador de ofertas e demandas do mercado local ou como representante das necessidades da comunidade local. As mudanças do papel do jornal na sociedade petropolitana representam estratégias articuladas com os acontecimentos locais, que resultam na manutenção do veículo e também em um processo de identificação com o público leitor.

Este artigo é fruto da dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil (PPHPBC / CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e baseou-se em uma pesquisa exploratória a partir do método bibliográfico, especialmente

---

<sup>3</sup> Em tradução livre, “Textos na cidade foram, em algum tempo, ordenadores e disruptivos, recompunham e rearranjavam e reiteravam e deixavam o discurso aberto, guiavam e também confundiam, funcionavam a favor e também contra a concretização do poder”.



no que se refere a análises sobre cultura política e identidades. O Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal Gabriel Mistral, em Petrópolis, proporcionou o acesso às fontes primárias, edições da Tribuna de Petrópolis desde 1902, até anos mais recentes.

Além da consulta a fontes primárias, foi realizada entrevista exploratória com o atual diretor, proprietário do jornal e herdeiro da Família Imperial, Francisco de Orleans e Bragança. Com os depoimentos colhidos na entrevista, foi possível situar os momentos mais importantes da história recente da Tribuna e as decisões institucionais que motivaram mudanças na relação do jornal com a sociedade petropolitana.

### **Petrópolis, Cidade Imperial**

O território onde hoje se localiza a cidade de Petrópolis foi adquirido em 6 de fevereiro de 1830 por D. Pedro I, que pretendia construir ali seu palácio de verão. Essa residência particular seria o destino da Família Imperial nos meses de calor que assolavam o Rio de Janeiro, e local onde seus filhos poderiam se recuperar de doenças, graças ao clima ameno da serra. Petrópolis sempre conviveu com a necessidade de se fazer perceber como o local onde a realeza reencontrava suas raízes e representava seu poder e influência: tudo deveria remeter à presença do Imperador (SCHWARCZ, 1998).

O panorama histórico do surgimento da imprensa em Petrópolis é absolutamente favorável no que se refere aos aspectos de consolidação da comunicação e circulação de informações ao longo do século XIX. Pela proximidade da cidade com a capital e pelos fortes laços do Imperador com sua Petrópolis, a imprensa rapidamente se beneficiou de algumas das mais importantes transformações da época.

Boa parte do círculo da imprensa petropolitana desse período formava também o corpo político da cidade. Ao assumir posições na Câmara Municipal ou em outras instâncias do governo Estadual, os diretores e editores dos veículos locais viam-se diante da oportunidade de decidir o futuro da cidade em nome da elite que também representavam em seus jornais. Era a Petrópolis dos privilegiados, dos que têm espaço cativo na imprensa local do Império e nos primeiros anos da República.

Nos últimos anos do século XIX, Petrópolis vivia uma fase de prosperidade que também se registrava no quadro econômico da capital e de toda a região fluminense. A atividade cafeeira, que representava o setor mais dinâmico da economia nacional, era a principal fonte de recursos do Estado no período. As atividades industriais representavam também uma excelente fonte de insumos econômicos nos idos de 1880.



O quadro industrial do período era promissor, com destaque para as indústrias têxteis. A presença da corte na cidade e o mundo sociocultural que a acompanhava eram alguns dos aspectos que seriam fatores positivos para reforçar essa tendência (LIMA, 2001).

Esse quadro favorável, somado à proximidade da cidade com a Família Imperial, delimitava o perfil do público leitor dos jornais da serra e direcionava a imprensa local a se aproximar de temáticas mais abrangentes. Expandindo seu conteúdo para além dos limites geográficos de Petrópolis, a imprensa local dava conta de fornecer informações sobre os acontecimentos da capital e o desenrolar de decisões políticas.

Assim, havia nos primeiros exemplares da imprensa petropolitana “uma preocupação em atrair leitores sofisticados e em conferir prestígio àqueles veículos e à cidade que os acolhia” (ALMEIDA, 2005:56), pois “vivia-se em Petrópolis com os olhos voltados para o Rio, porém sob a proteção de uma aura de superioridade europeia que encobria a cidade e a mantinha resguardada” (ALMEIDA, 2005:57).

### **O surgimento da Tribuna de Petrópolis**

Nos primeiros anos do século XX, Petrópolis passava por um período de tensão social e política. Após a Proclamação da República, foi elevada a capital do Estado em 1893 e, em 1903, perdeu esse status político para a cidade de Niterói. Por algum tempo, manteve todo o corpo diplomático e uma extensa cadeia de cultura e entretenimento, além das fábricas, indústrias e comércio de alto nível que atendiam a um público exclusivo, herdeiros do Império e dos anos de capital. Foi em meio a essas transformações políticas que, em 09 de outubro de 1902, surgiu a Tribuna de Petrópolis, primeiramente publicada às quintas e aos domingos e, em 1908, passando a ser o primeiro jornal local diário da cidade.

Instrumento político de valorização do poder simbólico, no sentido atribuído por Bourdieu (2007), a Tribuna surge para a defesa de um grupo político que se sentia prejudicado pelas decisões tomadas no âmbito Estadual. A perda do status de capital criou um desgaste entre grupos republicanos e a publicação precisava se articular tanto em relação à imagem construída em torno da herança cultural da cidade quanto em relação às demandas dos novos grupos no poder.

A trajetória da Tribuna em seu primeiro ano se confunde com os posicionamentos políticos assumidos por seu diretor Arthur Barbosa, especialmente sobre os interesses dos grupos políticos locais que haviam sofrido com a administração



estadual. Tendo em vista este posicionamento declarado diante da realidade política fluminense em relação à perda da capital, há de se ressaltar que a defesa dos interesses do povo petropolitano reforça a identidade de jornal como porta-voz da sociedade.

Uma vez que “a mídia doravante faz parte integrante da realidade ou, se preferir, produz efeitos de realidade criando uma visão mediática da realidade que contribui para criar a realidade que ela pretende descrever” (CHAMPAGNE, 2003:75), a Tribuna de Petrópolis reivindica para si os ônus e os bônus do enfrentamento político simbólico que se deu naquele embrião de veículo de imprensa diária surgido em 1902.

Embora o posicionamento político da Tribuna tenha sido seu motivo maior de existência nas primeiras décadas em circulação, o jornal não tardou a enfrentar crises financeiras estimuladas, sobretudo, pela má administração e pelas dificuldades inerentes ao período que compreende as duas Guerras Mundiais.

Na busca pela superação dessas crises, entra na trajetória da Tribuna a figura de D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, herdeiro de D. Pedro II, que assume o cargo de síndico de inadimplência para “salvar” o jornal de seus anos de má administração. Essa intervenção marca uma nova fase da trajetória do jornal em que o veículo fixa-se aos herdeiros da Família Imperial, tendo na imagem de D. Pedro Gastão uma arma de reposicionamento do jornal na cidade.

Em 1940, o príncipe D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança assume o cargo de síndico da inadimplência, responsável pelo controle financeiro do jornal. Sua entrada na Tribuna de Petrópolis marcou um suposto afastamento editorial das vinculações políticas (SILVEIRA FILHO, 2001:04). Nascido em 1913, na França, durante o exílio da Família Imperial, D. Pedro Gastão chegou ao Brasil em 1922, após a revogação do banimento dos herdeiros de D. Pedro II. Fixou residência em Petrópolis em 1935.

Conhecido pelo empenho na defesa das tradições e da cultura petropolitana, D. Pedro Gastão é lembrado por seu envolvimento com a memória imperial na cidade, tendo sido o responsável pela doação de parte do arquivo particular da família ao Museu Imperial em 1948. Essas características colaboravam para o desenvolvimento de um relacionamento estreito do príncipe com os moradores, mas faziam com que D. Pedro Gastão não se dedicasse à administração de um jornal em crise financeira.

No mesmo ano em que D. Pedro Gastão se tornava síndico de inadimplência do jornal, falecia seu pai, Dom Pedro de Alcântara. No dia 30 de janeiro de 1940, a Tribuna registrou com destaque na primeira página a morte do Príncipe do Grão Pará, filho da Princesa Isabel. Tal fato levou o herdeiro a assumir também a chefia da Casa Imperial e



dar continuidade às viagens realizadas por seu pai pelo Brasil a fim de estreitar os laços imperiais com o povo brasileiro (VILLON, 2003:3).

Em depoimento à autora, Francisco de Orleans e Bragança, filho de D. Pedro Gastão, confirma que a Tribuna de Petrópolis estava à beira da falência quando seu pai foi indicado para assumir o cargo de síndico de inadimplência. Nessa época, o jornal apresentava poucos textos e circulava principalmente com anúncios de negócios locais. Sob o comando financeiro de D. Pedro Gastão, os anúncios passam a dividir espaço com cópias de textos originalmente publicados nos jornais cariocas, como o Jornal do Brasil, que privilegiavam as narrativas sobre o mundo e a guerra, além de visões sobre Petrópolis, que se fortalecia como local de veraneio em franco desenvolvimento.

Assim, no início da década de 1940, o jornal parece se entregar às facilidades de deixar-se falar pela voz da imprensa carioca. A Tribuna de Petrópolis se via presa a uma crise de identidade, ancorada em um processo de produção jornalística que nem de longe lembrava suas primeiras lutas políticas em nome da defesa dos interesses locais.

Com a criação do Museu Imperial, em 29 de março de 1940, por decreto-lei assinado pelo presidente Getúlio Vargas, Petrópolis passa novamente a ser referencial do importante período da história do país. Reforçava-se, assim, o culto à memória do Império, em um jornal situado na Cidade Imperial, cujo príncipe herdeiro havia se tornado síndico da inadimplência. Além disso, sabe-se que uma das principais motivações de D. Pedro Gastão era o desejo de dominar o veículo a fim de utilizá-lo simbolicamente em defesa dos ideais da Família Imperial. Francisco de Orleans e Bragança credita à necessidade de se posicionar perante a sociedade petropolitana, em nome da Família Imperial, como o motivo da compra da Tribuna por seu pai:

[O motivo da compra] era por sermos da Família Imperial e da gente, muitas vezes, ser atacado aqui em Petrópolis. Naquela época, havia muito ainda ranço da monarquia. Quando dava alguma coisa errada, diziam: é culpa da monarquia. E meu pai via isso, por isso ele virou síndico. Então ele mantinha isso aqui, tipo: “Eu tenho um porrete dentro de casa para dar bordoadas em quem quiser entrar dentro da minha casa, mas eu não me dedico, eu não gosto de dar porretada na cabeça dos outros” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Seguindo uma tradição que havia se iniciado em seus primeiros anos, a Tribuna utiliza suas edições comemorativas para prestar contas à sociedade, relembrando a caminhada percorrida pelo veículo, ao mesmo tempo em que destaca seus grandes feitos. Mas, ao contrário dos momentos de paixão política dos primeiros anos, passa a dar espaço para questões comerciais, diretamente ligadas à sobrevivência do jornal.



Ao se dirigir aos anunciantes, o jornal estabelece que já não se encontra mais caracterizado como uma imprensa artesanal, política, passional. Sendo uma empresa de comunicação, depende do comércio, da indústria e dos serviços locais para existir. Esse desenvolvimento da imprensa em Petrópolis acompanhava o caminho natural percorrido pela imprensa no Brasil no século XX, mas com certo atraso.

Francisco de Orleans e Bragança admite que, no momento em que seu pai se envolvia com a administração da Tribuna, o jornal ainda não possuía estrutura empresarial, fato que colaborava para o acúmulo de dívidas e, conseqüentemente, diminuía seu prestígio e credibilidade junto à população: “Antigamente o redator do jornal era o gerente, fazia tudo. Aqui o cara assinava cheque de pagamento do funcionário, fazia manchete, só faltava revisar” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Com a inauguração do Museu Imperial em 1943, a Tribuna fortalece o processo de comemoração do Império, destacando as celebrações que envolveram a abertura do espaço. Atrelado ao discurso de reavivamento da Monarquia, estavam também as saudações a Getúlio Vargas, que em seu gesto patriótico contribuiu para que Petrópolis ganhasse seu principal ponto turístico, local que viria a movimentar ainda mais o potencial de visitação da cidade. A inauguração do Museu coincidiu com as comemorações do centenário de fundação da cidade, motivo pelo qual a Tribuna publicou uma edição especial naquele 16 de março. O texto da primeira página é sintomático das novas relações que o jornal e a cidade estabeleciam com o passado:

E o Brasil, que em toda a América foi o único que possuiu a forma monárquica de governo, não tem razão para envergonhar-se desse passado, mas antes, sobejam razões para sentir que esse passado, com honra e glória, soube cumprir a sua missão. O Museu Imperial reunirá assim a lembrança de uma época de quase um século de vida nacional, época em que os nossos maiores bem puderam desempenhar o seu papel, preparando o surto de progresso que hoje estamos podendo realizar, assim como o esforço e o patriotismo dos atuais brasileiros, prepararam, para seus filhos, melhores e ainda mais gloriosos dias para o Brasil (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1943a).

A década de 1940 foi, portanto, um momento crucial para a sobrevivência da Tribuna de Petrópolis na imprensa local. O investimento em novo maquinário nesse período permitiu que o jornal passasse a ter 8 páginas nas edições diárias – antes, o número de páginas somente aumentava nas edições especiais – e a Tribuna parecia acompanhar o desenvolvimento da indústria petropolitana, que atingia seu apogeu.

O jornal vivia uma fase de despolitização, característica comum à imprensa dos moldes capitalistas, “não porque deixasse de falar de política, mas porque o espaço da



política passou a ser partilhado com um número maior de outras seções” (TASCHNER, 1992:43). Também aumentava a variedade de temas, o que indicava um interesse em agradar à diversidade do público leitor. A Tribuna de Petrópolis tornava-se um jornal moderno, de maior tiragem, marcado pela “independência de atitudes, linguagem escorreita e elegante, fim construtor e colaborador, sem condições, com o poder público nas boas causas em benefício da coletividade” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1954).

### **Tradição e representação da Cidade Imperial**

A edição comemorativa de 108 anos do jornal, publicada em outubro de 2010, informa que, mesmo após a superação da crise financeira nos anos 1950, a falência da Tribuna de Petrópolis foi oficialmente decretada na década seguinte. De acordo com o texto, “nos anos 60, após violenta crise, a empresa se encontra falida e é adquirida por um grupo de empresários tendo D. Pedro Gastão como presidente, que contou com a colaboração de Alcindo Roberto Gomes e Paim de Carvalho” (SILVEIRA FILHO, 2010:94). Esta terceira fase da história do jornal concentra-se ainda mais na figura de D. Pedro Gastão, que posteriormente dará espaço para que seu filho, Francisco de Orleans e Bragança, assumira o controle da empresa. Mais do que lucrar com o empreendimento, a aquisição da Tribuna pela Família Imperial encontrava-se em questões políticas e trazia à tona a estreita relação do jornalismo com o poder simbólico.

D. Pedro Gastão tinha como objetivo aproveitar-se dos longos anos em circulação e da forte presença da Tribuna de Petrópolis em meios comerciais e de serviços para ter um veículo que falasse em seu nome, defendendo os princípios e as crenças da Família Imperial. Entretanto, sabe-se que D. Pedro Gastão preferia se dedicar a outras missões culturais na cidade do que administrar o veículo, além de representar o ramo de Petrópolis da Família Imperial em viagens pelo país e no exterior.

Com isso, a administração da Tribuna limitava-se à manutenção da existência do jornal. Movido pela inércia de sua ampla gama de classificados, o jornal se tornava um grande bloco de anúncios, com páginas inteiras dedicadas para este fim. O jornal não apresentou grandes mudanças nos anos subsequentes, até que, em 1977, a Tribuna de Petrópolis passou a ser uma empresa de sociedade por cotas de responsabilidade limitada, e Francisco de Orleans e Bragança assumiu a gerência. Dois anos mais tarde, em 1979, D. Francisco assumiu a direção, posição que ocupa ainda hoje.





A partir do final da década de 1970, portanto, o jornal deu continuidade ao processo de adequação à era capitalista, deixando progressivamente de ser um veículo informativamente instável e exclusivamente dependente de seus classificados para se tornar um negócio. Nesse sentido, conforme muito bem define Taschner (1992), a Tribuna finalmente alcançava um lugar em sua trajetória no qual “não se trata mais de um jornal cuja organização tem forma de empresa, trata-se de uma empresa que tem atividade jornalística. Ela é o sujeito, e não mais o jornal. Este é o produto da atividade da empresa” (TASCHNER, 1992:67). A informação se torna um produto valioso.

Questionado sobre seu envolvimento com a redação da Tribuna, Francisco de Orleans e Bragança assume seu direcionamento nos “modos de dizer” do jornal: “Não sou eu que escrevo, mas eu que indico como escrever. Aliás, acho que todo dono de jornal pode até dizer que não faz isso, mas é assim que funciona” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010). Assim, já na década de 1980, as escolhas editoriais passaram a ser pautadas pela relevância do conteúdo local, e pela aproximação das notícias com a realidade cotidiana, a fim de que o veículo se aproximasse do dia-a-dia de seus leitores.

Entende-se, portanto, que não se pode separar a produção do discurso jornalístico da administração do jornal-empresa. Ao mesmo tempo em que se constrói uma postura administrativa por meio de um veículo de comunicação, constrói-se também um discurso de identidade local, já que os processos de formação de identidades se desenvolvem a partir de relações de comunicação. Nesse processo, existe uma prática seletiva a respeito do que deve ser escrito e do que será suprimido.

Nesse processo de seletividade jornalística, é notório o aumento de notícias, anúncios e fotografias relacionadas à Família Imperial a partir da década de 1970. Primeiramente focadas nos afazeres de D. Pedro Gastão, as notícias que envolviam os herdeiros de Pedro II são, em sua maioria, recortes da vida social dessa “corte petropolitana”, anúncios de viagens, projetos e realizações. Não faltam homenagens a membros da Família Imperial que, por motivo de falecimento ou doença, passam a ser conhecidos da população através de notas publicadas geralmente na primeira página. Um bom exemplo – e um dos primeiros localizados nas edições da Tribuna de Petrópolis – é o anúncio de uma missa pela alma do Duque de Bragança, primo e cunhado de D. Pedro Gastão, na edição de 01 de janeiro de 1977.

Assim, além de informar sobre a realidade da cidade, o funcionamento e as realizações dos órgãos públicos, a Tribuna presta-se também ao serviço de trazer à sociedade petropolitana novamente a aura imperial que marcou profundamente a



identidade da cidade na sua fundação e em anos subsequentes. Nos meses e anos seguintes, datas que inicialmente não teriam relação direta com a Família Imperial passam a incluir a figura de D. Pedro Gastão como personalidade singular e notória nos acontecimentos da cidade. Esse tipo de referência não somente não foi encontrado em edições anteriores da Tribuna como, ao acompanharmos a trajetória do jornal até os dias atuais, tendeu a aumentar conforme o jornal se firmava definitivamente como “o jornal do Príncipe”. “Sua Alteza, o Príncipe”, foi se tornando figura cativa na sociedade petropolitana e no jornal que coordenava, fato que elevou os valores simbólicos da Monarquia a um nível muito mais próximo para os moradores da cidade.

Toda essa construção da notícia relaciona-se a uma representação social da realidade, articulada dentro de uma instituição – a imprensa. Realidade esta construída a partir da prática do jornalismo, formatada como narrativa, difundida e convertida como “realidade pública” (FELLIPI, 2008:9). Nessa lógica, as escolhas editoriais e as decisões institucionais passam a pertencer não apenas a seus editores e diretores, mas pela relação do jornal com a sociedade na qual circula. Assim, as notícias não são passíveis de serem reproduzidas como representação pura e neutra da realidade. Ao contrário, a construção discursiva do jornalismo está cercada de aspectos que desconstruem as noções de “objetividade” e “imparcialidade”.

Tem-se, portanto, que a sociedade petropolitana da época certamente colaborou e abraçou a causa do “retorno simbólico da Monarquia”. Seja por curiosidade ou por outros interesses, o leitor da Tribuna aceitou bem a presença da Família Imperial em seu jornal mais antigo em circulação.

Ao mesmo tempo em que o jornal é capaz de fortalecer alguns aspectos e priorizar determinadas identidades em detrimento de outras, os conflitos e as tensões que envolvem os atores responsáveis pelo desenvolvimento de uma identidade não devem ser ignorados:

O jornal não controla de todo os sentidos que circulam nos discursos que veicula. Mesmo no esforço de fechamento de fronteiras dos sentidos, a multiculturalidade e a multiplicidade de sentidos lhe escapa por entre as centenas de enunciadores presentes em cada edição (FELLIPI, 2008:18).

Tem-se, portanto, que o controle exercido pela direção do jornal não se traduz em uma única leitura dos acontecimentos da cidade, já que o sentido do texto está mais relacionado ao processo de leitura e interpretação do que às técnicas jornalísticas empregadas para assegurar que a informação se torne notícia. Por isso, é preciso



relativizar o controle exercido pela direção da Tribuna de Petrópolis em sua linha editorial com a relação estabelecida entre o produto-jornal e seus consumidores.

Francisco de Orleans e Bragança, em depoimento à autora, defendeu que um dos motivos do sucesso destes mais de 100 anos em circulação estaria intimamente ligado às narrativas cotidianas da realidade. Ao contrário dos jornais estaduais e nacionais, os pequenos veículos locais teriam mercado para se desenvolver porque a população local ainda confia e interage mais com as publicações locais impressas do que os novos meios de comunicação digitais, como a internet, na qual é mais raro encontrar notícias e informações precisas e atualizadas sobre cidades do interior e seu cotidiano.

Assim, reforça-se a hipótese de que o aumento considerável de informações e notícias sobre as atividades da Família Imperial, e o foco em um jornalismo local, pautado pela economia e vida social de Petrópolis, tornou-se o trunfo de sobrevivência da Tribuna. Teria sido, portanto, a partir de uma reformulação da relação do jornal com a cidade de Petrópolis, que a Tribuna teria garantido sua permanência e consolidação no jornalismo local. Administrada como empresa e rapidamente transformada em um empreendimento focado na Petrópolis “real”, a Tribuna se reergue das crises financeiras e inaugura uma nova fase do jornalismo local.

### **Conclusão: um jornal para os petropolitanos**

Nas décadas mais recentes de sua história, o público da Tribuna passou a ser formado, de acordo com seu diretor, pelos cidadãos que se interessam pelos serviços disponíveis nos classificados e também pelo conteúdo relacionado ao seu próprio bairro e vizinhança. Assim, a seleção de pautas e o eixo editorial variam dentro da lógica de que a Tribuna de Petrópolis é um jornal feito por petropolitanos, para petropolitanos, com o objetivo de tratar dos assuntos da cidade e de pessoas relacionadas à cidade.

Nas palavras do diretor: “O nosso título é o quê? Tribuna de Petrópolis. Então, tudo o que tem a ver com Petrópolis nós vamos publicar” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010). Curiosamente, Francisco de Orleans e Bragança admite que a cidade, a seu ver, vive um intenso conflito e uma eterna crise de identidade com sua herança Imperial:

D. Pedro II vinha a Petrópolis e ele (...) fazia com que as pessoas locais participassem do dia-a-dia do Palácio Imperial. Mas não muito. Porque sempre tinha briga, lógico. Ia um, o outro que não ia ficava furioso. (...) O Getúlio vinha muito para Petrópolis, ele fazia a mesma coisa. (...) Petropolitanos simplesmente assistiam a algo que acontecia na sua cidade. (...) A cidade se



recente disso. Acontece o movimento, mas ninguém da cidade é convidado. Então, Petrópolis tem um ressentimento (...), que as pessoas usam a cidade de Petrópolis, mas não usam seus petropolitanos. (...) As novelas são gravadas em Petrópolis, mas não tem ator petropolitano (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Para contrapor esse ressentimento e essa crise de identidade, o diretor do jornal admite que procura retratar nas páginas da *Tribuna* a cidade do morador:

A maioria das nossas matérias são sobre o dia-a-dia da nossa cidade. É sobre o dia-a-dia desse morador que está o dia inteiro trabalhando aqui, convivendo com essa situação de buracos, de ônibus. (...) A gente faz um jornal positivo. Nosso jornal, quando tem matérias negativas, são negativas a favor da cidade” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Assim, a Petrópolis retratada na *Tribuna* de Petrópolis dos últimos 30 anos, seria, na visão de Francisco de Orleans e Bragança, a cidade real, genuína, com suas belezas e defeitos, mas vista sob uma ótica positiva que amenizaria fatos negativos. Francisco de Orleans e Bragança é uma figura pública da cidade, que é visto circulando pelo Centro Histórico e frequentemente representa a Família Imperial em eventos públicos, comemorações e homenagens. Sobre esse aspecto de representação e do seu posicionamento de figura pública, ele afirma saber diferenciar de sua posição de diretor:

Quando me chamam, eu vislumbro ali duas coisas: não é o Francisco que está ali, não sou eu. Quem está ali é o descendente de D. Pedro II. Então isso para mim é uma coisa que é clara, entende? Então, eu não me acho superior por ser da Família Imperial. Não me acho igual, nem inferior. Acho que cada um tem o seu lugar no mundo (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Embora declare que não se acha superior por ser da Família Imperial, D. Francisco carrega consigo um potencial histórico que não pode ser ignorado e admite que a *Tribuna* de Petrópolis beneficia-se diretamente do simbolismo de seus laços familiares. O “jornal do Príncipe” constrói, portanto, uma relação com a sociedade petropolitana que vai além do conteúdo informativo e de sua carga noticiosa. Passa a ser também um meio de comunicação direta com a realeza sobrevivente no país e com as opiniões daqueles que trazem a Petrópolis do Imperador de volta à realidade.

Um ótimo exemplo para avaliar essa postura pode ser encontrado na leitura da edição de 23 de abril de 1993, ano do plebiscito sobre a forma e o sistema de governo no Brasil, em que o jornal anunciou em manchete: “República e Presidencialismo saem vencedores. Monarquia teve mais de 32 mil votos”, com uma foto do Príncipe D. Gastão na capa (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1993). Esta edição apresenta um caráter



recorrente da Tribuna, ao ressaltar com fotos a proximidade da Família Imperial com os moradores da cidade, mesmo os mais humildes. A imagem retrata D. Pedro Gastão na saída do local de votação, com a seguinte legenda:

O Príncipe Dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança transformou-se na grande vedete do plebiscito de quarta-feira. Depois de votar, no Museu Imperial, ele foi cercado pela Imprensa e acabou recebendo homenagens de Célio Medeiros dos Santos, que se disse monarquista pois ‘a escravidão não voltará mesmo’. Dom Pedro disse que Célio ‘é meu amigo aqui da rua’.

O amigo de D. Pedro Gastão em questão era um senhor negro, que aparece ao lado de um sorridente príncipe herdeiro, em uma clara representação da proximidade que o jornal pretendia estabelecer entre o jornal, a Família Imperial e os petropolitanos. Ao mesmo tempo em que a postura do jornal é de isenção, trabalha um simbolismo que vai além da busca pelo equilíbrio de informações.

A Tribuna de Petrópolis aproveita diversas chances para manter viva a memória da Família Imperial por meio da comunicação destacada de eventos solenes, homenagens de falecimento ou nascimento, datas comemorativas e envolvimentos dos herdeiros na vida da cidade. No final da década de 1990 e até início dos anos 2000, a coroa imperial era símbolo do jornal, estampada em todas as edições com a frase “O jornal da Cidade Imperial”.

Como todas as relações entre imprensa e sociedade, essa postura da Tribuna de Petrópolis corre dois constantes riscos de interpretação, conforme alerta Lattman-Weltman (1994). O primeiro seria a tentativa de “tomar a imprensa como fenômeno inteiramente independente de determinadas estruturas que também condicionam a produção de sentido(s) na realidade sociocultural” (LATTMAN-WELTMAN, 1994:122), resultando em uma reificação pura e simples do discurso ideológico de quem está no comando do jornal – mesmo que o discurso seja de não-posicionamento.

Por isso, pensar a Tribuna de Petrópolis como um jornal apolítico, voltado exclusivamente para os interesses locais, leva ao risco de formatação de uma visão parcial do papel da imprensa local na sociedade. Afinal, um veículo comandado por um herdeiro da Família Imperial no Brasil não poderia manter-se isento ao retratar questões da economia local, ou defender os direitos dos moradores.

Um segundo risco seria o de se “pensar as mídias sob a ótica reducionista das supostas demandas de reprodução do ‘sistema’, seja este uma noção abstrata de sociedade ou o ‘modo de produção determinante’” (LATTMAN-WELTMAN,



1994:122). Neste caso, perde-se o entendimento de que a imprensa é, também, um fenômeno complexo de envolvimento de esferas da economia, da política e do poder simbólico, e não mero instrumento de manipulação das massas.

Assim, também não se deve enxergar a caminhada da Tribuna de Petrópolis como uma manobra política de dominação e controle da sociedade petropolitana a partir dos valores monárquicos. A escolha de uma linha editorial que privilegia esses aspectos coloca-se também dentro de uma lógica de mercado. Mais do que noticiar o que faz a Família Imperial, a Tribuna veicula um modo de ver característico a respeito da cidade e da sociedade petropolitana, e corrobora para a manutenção de um status político, social, cultural e turístico que interessa à cidade e aos moradores. Ainda segundo o autor:

A publicização de discursos particulares envolve não apenas a veiculação de informação fática, substancial, ou seja, de relatos sobre os acontecimentos; mas também a propagação de valores e premissas pelas quais os próprios ‘fatos’ poderão ou, nos momentos de maior ideologização, deverão ser julgados, assim como a propagação de enquadramentos, contextos e temáticas no qual tais fatos poderão ser inseridos e fazer sentido (LATTMAN-WELTMAN, 1994).

Neste embate constante de interesses privados (motivados pelo lucro) e públicos (função social de um veículo de comunicação), a estratégia da Tribuna passava também pelos interesses políticos que mantinham a economia petropolitana funcionando graças ao turismo na região. Mesmo assim, a postura da empresa ainda se baseia na “imparcialidade” da abordagem jornalística de assuntos políticos.

De todos os jornais fundados em Petrópolis no início do século XX, a Tribuna de Petrópolis é o único ainda editado atualmente. Sua trajetória reflete o desenvolvimento da cidade e resume seus principais acontecimentos, dando maior ou menor destaque a determinados grupos políticos e sociais ao longo dos anos. Em alguns momentos, remonta a uma Petrópolis que já pertenceu mais a quem era “de fora” (veranistas, turistas, autoridades em visita); em outros, valoriza o potencial do jornal local e as representações “de dentro” (moradores, políticos e administradores locais). Entende-se, portanto, as múltiplas possibilidades de se falar de Petrópolis e para Petrópolis, em um veículo cuja configuração atual prioriza a estrutura administrativa de jornal-empresa e as narrativas sobre a “Petrópolis real” dos petropolitanos.



## Referências:

- ALMEIDA, Cristiane D´Avila Lyra; GOMES, Renato Cordeiro (Orientador). **Fantasia na Serra**: Representações de Petrópolis na mídia impressa. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado – Depto de Com. Social, PUC – RJ, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CHAMPAGNE, Patrick. A visão midiática. In: **A miséria do mundo**. Pierre Bourdieu (coord.). Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- FELLIPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e identidade cultural**: construção da identidade gaúcha em Zero Hora. Série Conhecimento 46. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. 126 p. Disponível em: <http://www.unisc.br/deptos/editora/ebook004.htm>. Acesso em 20/12/2010. Acesso em 10 mai. 2012.
- FRITZSCHE, Peter. **Reading Berlin 1900**. Harvard University Press. Cambridge, Massachussets: 1998.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Imprensa e Sociedade: A economia do discurso público. In: **ARCHÊ**, ano III, no 8, p. 119-133, 1994.
- LIMA, Patrícia Ferreira de Souza. **Petrópolis: progresso e tradição nos trabalhos da memória**. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da PUC-Rio: 2001.
- MEMÓRIA, Assis. A Imperial Cidade (extraído do Jornal do Brasil). In: **Tribuna de Petrópolis**, Petrópolis, 14 mai. 1940.
- ORLEANS E BRAGANÇA, Francisco de. Entrevista concedida à autora na sede da Tribuna de Petrópolis em 08 dez. 2010.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo. Cia das Letras, 1998.
- SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira da. O Nascimento da Tribuna. Edição especial de 99 anos de fundação. In: **Tribuna de Petrópolis**. Petrópolis, 07 out 2001. P. 02-07.
- \_\_\_\_\_. 108 anos de uma história que atravessa os séculos. In: **Revista Tribuna Festas**. Petrópolis, out 2010. Ano 5, p. 92-99.
- TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento**. Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1992.
- TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. **Tribuna de Petrópolis**. Edição comemorativa 40 anos. Petrópolis, 01 jan. 1943.
- TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. **Petrópolis**. Petrópolis, 03 jan. 1954.
- TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, **República e presidencialismo saem vencedores no município**. Petrópolis: 23 ABR 1993.
- VILLON, Victor. **Dom Pedro Gastão – 90 anos**. In: Tribuna de Petrópolis. Petrópolis, 19 fev. 2003.